



XIV Semana de Iniciação Científica

28 e 29 de setembro

AUTISMO: OS DESAFIOS DA INCLUSÃO DENTRO DO ÂMBITO DE ENSINO SUPERIOR

Autor Principal: Maria Karoline Martins Nascimento

Coautor 1: Joana Dark da Conceição Oliveira

Coautor 2: Luana da Cunha Lopes

RESUMO

O TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta as habilidades de comunicação, interação social, comportamento e afeta cada pessoa de maneira diferente, mas algumas das características mais comuns incluem dificuldades na comunicação, como atrasos na fala ou ausência de linguagem verbal, problemas na compreensão e uso de gestos e expressões sentidas, além de dificuldades em iniciar ou manter conversas. É importante lembrar que cada pessoa com TEA é única e pode ter suas próprias habilidades e desafios. É fundamental promover a inclusão e o respeito para as pessoas com TEA e trabalhar para criar ambientes inclusivos e acolhedores para todos. Embora o número de estudantes com TEA no ensino superior ainda seja relativamente baixo, é importante destacar a importância da inclusão desses estudantes em todos os níveis de ensino. A inclusão educacional é um direito assegurado por lei no Brasil e deve ser promovida em todas as esferas da sociedade, incluindo a educação superior. No Brasil, o Ministério da Educação (MEC) publicou a Portaria Normativa nº 9, em 2017, que estabeleceu diretrizes para a inclusão de estudantes com deficiência, incluindo autismo, no ensino superior. A portaria estabelece que as instituições de ensino superior devem oferecer suporte e recursos adequados para garantir a inclusão desses estudantes, como necessidades curriculares, tecnologias assistivas e apoio psicológico. Além disso, há organizações que trabalham para promover a inclusão de autistas no ensino superior, como a Associação Brasileira de Autismo (ABRA), que oferece orientação e suporte para estudantes com autismo.

Palavras-chave: Autismo. Inclusão. Ensino superior. Acolhimento. Recursos.



XIV Semana de Iniciação Científica

28 e 29 de setembro

1 INTRODUÇÃO

Este artigo trata-se de um assunto de alta relevância, o autismo estava, inicialmente, incluso na definição dos Transtornos Globais do Desenvolvimento no DSM-IV, em que também fazia parte o Transtorno Desintegrativo da Infância e as Síndromes de Asperger e Rett. No DSM-V, essa classificação foi revista e passou a ser categorizada por um único diagnóstico: os Transtornos do Espectro Autista (TEA). Esta modificação refletiu a percepção de que estes transtornos são uma mesma condição com escalas gradativas divididas em dois grupos de sintomas: i) as dificuldades na comunicação e na interação social, e ii) no padrão de comportamentos e interesses restritos e repetitivos (APA, 2014; BIANCHI, 2016). Os autores do DSM-V afirmaram que, apesar da crítica de alguns clínicos quanto a existência de diferenças importantes, não há vantagens diagnósticas ou terapêuticas na separação dos transtornos (APA, 2014).

Considera-se que as dificuldades pragmáticas e o engajamento social tenham relação com a dificuldade de iniciativa comunicativa. Iniciar a interação e mantê-la nos moldes esperados, como respeitar a contingência do tema e a troca de turnos, é um desafio que requer recursos linguísticos, sociais e cognitivos. Porém as trocas interacionais só se efetivam quando recíprocas, ou seja, os participantes envolvidos colaboraram para que a comunicação se efetive (MILHER; FERNANDES, 2013).

Quanto à Educação Superior, foram encontrados poucos estudos na literatura brasileira, talvez porque esse público ainda seja muito recente na Universidade (DONATI; CAPELLINI, 2018). Isso decorre das Políticas Educacionais que garantem seu acesso e permanência educacional a partir de uma perspectiva educacional principalmente a partir da criação dos Núcleos de Acessibilidade (BRASIL, 2005), que se voltam à “organização de ações institucionais que garantam a integração de pessoas com deficiência à vida acadêmica, eliminando barreiras comportamentais, pedagógicas, arquitetônicas e de comunicação” (SANTANA *et al.*, 2015, p. 676).

Entre os desafios, é importante notar que há muitas estratégias que as instituições de ensino superior podem adotar para ajudar a promover a inclusão e acomodar as necessidades dos estudantes autistas. Fornecer tecnologias assistivas, com legendas em tempo real e recursos de áudio e vídeo, além de oportunizar aulas remotas, são alguns exemplos. Também é importante que as instituições ofereçam orientação e apoio para os estudantes autistas,

Tema: Profissionais de um novo mundo: trabalhando a diversidade e a inclusão.



XIV Semana de

incluindo serviços de aconselhamento e acompanhamento psicopedagógico. É essencial que as instituições de ensino superior trabalhem para criar ambientes inclusivos e acolhedores que

28 e 29 de setembro

possam ajudar todos os estudantes no alcance de seu potencial máximo.

(SIMÃO;BRUNO,2023)

2 OBJETIVO

O objetivo do presente estudo foi analisar a produção científica sobre os desafios da inclusão do aluno com Transtorno Espectro Autista (TEA) nas Instituições de Ensino Superior (IES).

3 METODOLOGIA

O método de pesquisa eleito foi o da revisão integrativa da literatura. Utilizou-se a base de dados: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), por meio dos descritores, 'autismo no ensino superior; TEA e ensino superior. As teses e dissertações avaliadas referem-se ao período dos últimos dez anos, disponíveis em português e quatro foram selecionadas de acordo com os critérios estabelecidos.

A pesquisa que originou o presente artigo é de abordagem predominantemente qualitativa; quanto aos seus objetivos, se configura como exploratória. Em relação aos procedimentos técnicos adotados, constitui-se em um estudo documental e bibliográfico. Para Gil (2007), a pesquisa bibliográfica abrange os seguintes passos: leitura exploratória, que objetiva verificar em que medida a obra consultada interessa à pesquisa; leitura analítica, que ordena e organiza as informações contidas no texto; e por fim, leitura interpretativa, que pretende relacionar os dados coletados com outras informações já obtidas.

Serviram como fontes de dados documentais: os marcos legais acerca da Educação Inclusiva desde o ano de 1998, tais como: a Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008); a Política de Proteção aos Direitos da Pessoa com Autismo (BRASIL, 2012); bem como o Estatuto da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015). Já os dados bibliográficos advieram de compêndios.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O enfrentamento de barreiras no ambiente escolar desde a educação básica se reflete no adiamento do ingresso ao ensino superior. Somam-se a isso provas e ambientes inadequados.



XIV Semana de Iniciação Científica

28 e 29 de setembro

Nos dados obtidos pelo mapeamento, constata-se que, mesmo com todo o aporte legal que obriga o acesso de estudantes com deficiência ao ensino superior, ainda é exígua a quantidade desse público nas faculdades, correspondendo 0,43% do total de estudantes matriculados em 2016, e destes 0,005% autodeclarados com TEA.

O autismo vem sendo estudado cada vez mais devido ao aumento de pessoas com TEA ao redor do mundo, acumulando conhecimentos relevantes sobre o mesmo e tornando-se tema de muitos filmes e séries de sucesso. Todavia, ainda possui questões em aberto, sem respostas e com algumas divergências. O Transtorno de Espectro Autista (TEA) trata-se de um conjunto de desvios qualitativos de funções envolvidas no desenvolvimento humano, como mencionado anteriormente. Lorna Wing e Judith Gould nomearam estes desvios qualitativos (deficiências específicas na comunicação, na interação social e no uso da imaginação) de “Tríade”.

O autismo caracteriza-se por comportamentos padrões restritos e repetitivos, e com condições de inteligência que variam do retardo mental a níveis acima da média (Wing & Gould, 1979). Em casos leves de TEA, os indivíduos conseguem ser independentes dentro de suas limitações, entretanto, existem casos mais graves em que o autista possui incapacidades.

Para um adolescente autista entrar no ambiente de uma Instituição de Ensino Superior, é um processo ainda pouco especificado e desafiador, existem ainda questões sobre, como é a visão do autista nesse processo, se a inclusão realmente existe ou o jovem é pressionado a ser incluído, se existe um processo e quais os auxílios ele pode receber tendo o Transtorno de Espectro Autista. Os dados mais recentes disponíveis são da pesquisa realizada em 2020. Segundo esses dados, o Brasil conta com 2.561 instituições de ensino superior, que oferecem cerca de 34.740 cursos de conclusão e tecnológicos. Em 2020, o total de matrículas no ensino superior foi de 6,4 milhões de estudantes, um aumento de 2,5% em relação a 2019.

De acordo com o censo de 2019, há 4.018 pessoas com transtorno do espectro autista (TEA) matriculadas em cursos de graduação presenciais e a distância. Esse número representa uma pequena parcela do total de matriculados no ensino superior, que é de cerca de 8,5 milhões de estudantes. Embora o número de estudantes com TEA no ensino superior ainda seja relativamente baixo, é importante destacar a importância da inclusão desses estudantes em todos os níveis de ensino.

Tema: Profissionais de um novo mundo: trabalhando a diversidade e a inclusão.



XIV Semana de Iniciação Científica

28 e 29 de setembro

A inclusão educacional é um direito assegurado por lei no Brasil e deve ser promovida em todas as esferas da sociedade, incluindo a educação superior. Como as diretrizes são de maioria direcionada ao autismo no ensino básico, sendo poucas as diretrizes direcionadas a inclusão do autismo no ensino superior, a instituição assume um desafio independente das leis, para proporcionar uma humanização entre os alunos, devendo ser eticamente necessária para a inclusão dos autistas no ensino superior, assim como qualquer outro ser humano com dificuldades, mostrando que o ensino não é uma disputa de quem consegue se formar, mas sim, uma visão de apoio a quem quer aprender.

Mesmo que grande parte dos estudos aqui avaliados tenha objetivado descrever e analisar a experiência acadêmica dos graduandos com TEA e seu processo de inclusão (COSTA; MARIN, 2017; MOUSINHO;; OLIVATI; LEITE, 2017; OLIVATI; LEITE, 2019; ROSA; MATSUKURAB; SQUASSONI, 2019; SILVEIRA; DONIDA; SANTANA, 2020), é importante que essa caracterização e investigação se estenda. Além disso, enfatiza-se que tais pesquisas priorizem as caracterizações feitas com os estudantes com TEA, de modo a escutá-los diretamente, dando voz às suas reais experiências e necessidades. Ouvir a voz do adulto com deficiência é um passo muito importante para estabelecer respostas direcionadas e objetivas dentro das Universidades.

5 CONCLUSÃO

Desse modo, as dificuldades linguísticas também revelam a importância de mais estudos acerca da inserção nas culturas do escrito de pessoas com TEA como maneira de compreender as questões para além da especificidade do diagnóstico, mas para as relações dialógicas estabelecidas anteriormente ao ingresso na instituição. Outro aspecto observado nos discursos aqui analisados se refere ao silenciamento quanto aos mecanismos de exclusão experienciados pelos estudantes ao longo de sua vida. Seus discursos são, antes de tudo, perpassados por discursos outros que se inserem em uma arena de tensões, de lutas, que perpassam um horizonte social avaliativo e cronotópico (BAKHTIN, 2003) sobre eles e sua experiência de diagnóstico de TEA.



XIV Semana de Iniciação Científica

Assim, apesar de amparados em lei (BRASIL, 2008; 2015), eles ainda enfrentam barreiras educacionais que podem dificultar sua permanência na instituição ou não permitir uma trajetória acadêmica com qualidade. Essas dificuldades podem centrar-se, nestes casos estudados, em torno de três temas: a) exclusão devido à não-aceitação do “diferente”; b) desconhecimento de docentes e colegas sobre suas ações excludentes; c) dificuldades linguísticas que acompanham o sujeito durante toda a sua trajetória educacional, desde a escola até a Universidade.

Em vista disso, apesar do apoio à pessoa com autismo ainda não estar sendo claramente divulgado pelos órgãos da universidade, fica patente uma disposição positiva para que isso seja realizado. Esse estudo exploratório e preliminar nos abre hipóteses, que deverão ser investigadas com mais detalhes. Primeiro, o autismo é uma condição que vem ganhando espaço nas referências das pessoas apenas nos últimos anos, diferente das outras deficiências, que tem um histórico mais antigo no processo de inclusão escolar na educação em geral e na universidade em particular.

Assim sendo, a não instrumentalização da universidade para receber alunos com autismo, deve-se ainda à necessidade de informação e formação de profissionais capacitados para pensar o processo de inclusão do autismo, como o que já acontece com outras deficiências. A segunda hipótese é que por ser um transtorno que envolve a saúde mental, o autismo carrega o estigma da “loucura”, gerando incômodo para o possuidor dessa condição, que prefere permanecer invisível, diante do receio de sofrer preconceitos.

A partir deste estudo pôde-se constatar que são necessárias ações interdisciplinares que promovam debates na Educação Superior acerca deste tema de inclusão e que abranjam toda a comunidade acadêmica. A Fonoaudiologia Educacional envolve uma variedade de propostas que podem auxiliar no processo de inclusão desses estudantes, para proporcionar um apoio no planejamento das atividades voltadas ao todo processo institucional, tomando por pressuposto fundamental a quebra de barreiras linguísticas, interacionais e atitudinais. Assim, vê-se que a ação do fonoaudiólogo pode adquirir uma dimensão educacional e pedagógica, além de centrar-se nos aspectos clínicos (SANTANA *et al.*, 2015), sendo uma alternativa para minimizar os obstáculos impostos pelas suas dificuldades dentro da Universidade, favorecendo a permanência e diminuindo a evasão.



XIV Semana de Iniciação Científica

REFERÊNCIAS
28 e 29 de setembro

INCLUSÃO.BRASIL,AGÊNCIA.SÃO PAULO.2 DE ABRIL DE 2023.DISPONÍVEL EM:
><https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2023-03/inclusao-no-ensino-superior-e-desafio-para-pessoas-autistas><

TEA.SIMÃO,BRUNO LUIS. 2 DE MAIO DE 2023. DISPONÍVEL EM:
><https://www.uninter.com/noticias/o-transtorno-do-espectro-autista-no-ensino-superior><

AUTISMO E EDUCAÇÃO.GALETI,FABRÍCIA SIGNORELLI.15 DE MARÇO DE 2020. DISPONÍVEL EM: ><https://www.autismoemdia.com.br/blog/autismo-e-educacao-os-desafios-da-vida-universitaria/><

SILVEIRA, PATRÍCIA TUSSET. DONIDA,L. OLIVA.SANTANA,ANA PAULA.
Inclusão E Permanência De Universitários Com Diagnóstico De Transtorno Do Espectro Autista: DISCUSSÕES ACERCA DE BARREIRAS LINGUÍSTICAS.SCIELO,BRASIL. v. 25, n. 03, p. 659-675, nov. 2020

SANTOS,W. SANTANA,V. DIAS,L. TEIXEIRA, C. PONDÉ, M. A INCLUSÃO DA PESSOA COM AUTISMO NO ENSINO SUPERIOR.ENTREIDEIAS.SALVADOR, V. 9, N. 3, P. 5-66, SET./DEZ. 2020

SALES,J. VIANA,T.A INCLUSÃO DE AUTISTAS NO ENSINO SUPERIOR: DIREITO, ACESSIBILIDADE E AVALIAÇÃO. INTERSABERES.VOL.15 Nº35, P.1809-7286, AGOST.2020

PLANALTO.27 DE DEZEMBRO DE 2012.DISPONÍVEL EM:
>https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm<

FREITAS,M. SANCHES,P.INCLUSÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS NO ENSINO SUPERIOR: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA. EDUCERE ET EDUCARE.VOL. 17, N. 43, ESPECIAL2022. AHEAD OF PRINT. DOI: 10.48075/EDUCARE.V17I43.29642